



A PRODUÇÃO DAS DIFERENÇAS E DAS DESIGUALDADES DE GÊNERO NA ESCOLA

THE PRODUCTION OF DIFFERENCES AND GENDER INEQUALITIES IN THE SCHOOL

LA PRODUCCIÓN DE DIFERENCIAS Y DESIGUALDADES DE GÉNERO EM LA ESCUELA

Sâmara Rodrigues de Ataíde¹
Wilson Sandano²

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar como as diferenças e desigualdades sexuais e de gênero funcionam como marcadores sociais no ambiente escolar, em seus discursos, símbolos, representações e práticas cotidianas na construção da identidade feminina.

Palavras-chave: Identity. Feminismo. Escola. Desigualdade. Gênero.

Abstract: This article aims to analyze how gender differences and inequalities act as social markers in the school environment, in their speeches, symbols, representations and daily practices in the construction of female identity.

Keywords: Identity. Feminism. School. Inequality. Genre.

Resumen: El presente artículo tiene por objetivo analizar cómo las diferencias y desigualdades sexuales y de género funcionan como marcadores sociales en el ambiente escolar, en sus discursos, símbolos, representaciones y prácticas cotidianas en la construcción de la identidad femenina

Palabras-clave: Identidad. Feminismo. Escuela. Desigualdad. Género.

Envio 15/03/2019

Revisão 15/03/2019

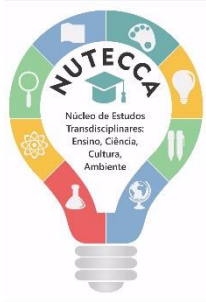
Aceite 15/03/2019

Feminismo e a sociedade em transição

A sociedade atual pode ser caracterizada pela cultura do narcisismo na *sociedade do espetáculo*, termo cunhado por Guy Debord (1997), indicando que os destinos do desejo humano resvalam por atitudes de exibicionismo e de individualismo exacerbados em

¹ Mestre em Poética e em Literatura Portuguesa. Doutoranda em História e Historiografia da Educação. Universidade de Sorocaba. E-mail: samara.ata@bol.com.br

² Professor Doutor em História da Educação. Coordenador da Pós-Graduação em Educação. Universidade de Sorocaba. E-mail: wilson.sandano@prof.uniso.br



detrimento das trocas interpessoais. Na sociedade narcísica do espetáculo, a falta de solidariedade e o autocentramento acarretam na perda da alteridade, ao passo que promove o enaltecimento de si mesmo.

Assim, os indivíduos desta era tendem a perceber o mundo como espelhos de si mesmos, não se interessando por eventos externos, a não ser aqueles que reflitam sua própria imagem, imperando, portanto, a cultura do corpo.

A hegemonia da aparência vive seu apogeu: o sujeito vale pelo que parece ser. Diante da efemeridade dos acontecimentos, valoriza-se a personalidade centrada no eu, na busca máxima de prazer, na ressacralização do corpo, venerado em legitimados cultos estéticos. São marcas da contemporaneidade a preocupação excessiva com a aparência física e a supervalorização do corpo, produto que, como qualquer outro, pode ser comercializado e explorado enquanto imagem.

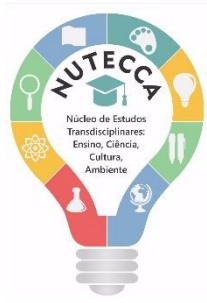
Todo esse processo de valorização corporal acarreta uma vivência de perda da aura e de proliferação de apelos ao consumo e ao sucesso, tornando os vínculos humanos mais precários e vulneráveis.

As novas faces do indivíduo contemporâneo, o que elas diferem daquelas que lhe antecederam, na sua maneira de ser, de fazer, de sentir, são questões cruciais que permeiam a sociedade contemporânea.

Nesse estudo do corpo inserido no contexto da contemporaneidade, é importante salientar a persistência da invisibilidade da mulher como sujeito ao longo da história sendo, só recentemente, conquistado na sociedade o “direito” de exercer atividades que não sejam rigidamente controladas e dirigidas por homens, as denominadas atividades secundárias, ligadas à assistência, ao cuidado e à educação.

Segundo o senso comum, a questão cultural justificaria a subordinação secular da mulher ao homem. Porém, sabe-se que a cultura está em perene transformação na sociedade, servindo para preservar e dar continuidade a um povo. Portanto, se a cultura é feita pelos indivíduos, precisa ser repensada a partir do momento que exclui, ou não atribui a devida importância, a comunidade de mulheres.

Hoje o significado da palavra feminista tende a qualificar quem compartilha da ideia de igualdade social, política e econômica entre os sexos. Sabe-se que meninos e meninas são



inegavelmente diferentes em termos biológicos, mas a socialização, sobretudo na escola, intensifica essas diferenças. E isso implica na auto realização de cada um, quando, por exemplo, as meninas são educadas de uma maneira

[...] perniciosa, porque as ensinamos a cuidar do ego frágil do sexo masculino. Ensinamos as meninas a se encolher, a se diminuir, dizendo-lhes: ‘Você pode ter ambição, mas não muita. [...] Senão você ameaça o homem. [...] Senão você estará emasculando o homem’. (Adichie, 2017, p.30-31)

De acordo com a autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, autora da obra *Sejam todos feministas* (2017), conversar sobre gênero não é uma das tarefas mais fáceis porque “a ideia de mudar o status quo é sempre penosa”. (Adichie, 2017, p.42)

Adichie também defende o uso específico da palavra “feminista” no lugar de “direitos humanos”, pois segundo a autora:

O feminismo faz, obviamente, parte dos direitos humanos de uma forma geral – mas escolher uma expressão vaga como “direitos humanos” é negar a especificidade e particularidade do problema de gênero. Seria uma maneira de fingir que as mulheres não foram excluídas ao longo dos séculos. Seria negar que a questão de gênero tem como alvo as mulheres. Que o problema não é ser humano, mas especificamente um ser humano do sexo feminino. Por séculos, os seres humanos eram divididos em dois grupos, um dos quais excluía e oprimia o outro. É no mínimo justo que a solução para esse problema esteja no reconhecimento desse fato. (Adichie, 2017, p.43)

Torna-se necessário, neste momento, definir os conceitos de feminino como o que se refere ao gênero feminino, trazendo sua marca; e o de feminismo como o movimento político que luta pelos direitos da mulher.

Para que se entenda a pertinência do discurso feminino, não se pode ignorar a problemática da mulher na sociedade contemporânea. É a partir de sua posição (com relação à do homem) que lhe permite perceber e representar este mundo onde vive; o olhar feminino é peculiar em função de uma diferença de ângulo, pois o homem sempre esteve no centro das decisões, comandando o mundo. A mulher só recentemente emergiu da atmosfera doméstica, que funcionava como uma redoma ou uma prisão e, recentemente, começou a tomar consciência da vida exterior a este âmbito.



Embora a conquista das mulheres na sociedade se faça cada vez mais presente, é curioso observar a dificuldade em sair de si mesmas, uma vez que seus discursos apresentam um cunho intimista de quem busca sua identidade. As narrativas em primeira pessoa, em que predomina o tom confessional, chegam a causar dificuldades para o leitor quanto à dissociação entre a narradora e a autora e o assunto é, quase sempre, a mulher tentando se descobrir como pessoa, buscando um espaço de auto realização.

Essa obsessão em falar de si mesma se converte em marca registrada se atentarmos para o fato de que quando os homens falam de si, o fazem de forma diferente: falam de suas realizações, de suas decisões; dificilmente abordam seu corpo e situações emocionais.

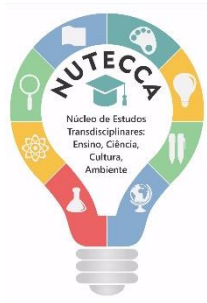
De acordo com Elódia Xavier, em *O declínio do patriarcado*:

Além da oposição macho/fêmea corresponder ao dualismo mente/corpo, a corporalidade feminina, sempre considerada mais frágil e vulnerável, é usada para justificar as desigualdades sociais; a vinculação da feminilidade ao corpo e da masculinidade à mente restringe o campo de ação das mulheres, que acabam confinadas às exigências biológicas da reprodução, deixando aos homens o campo do conhecimento e do saber. (Xavier, 2007, p.20)

Simone de Beauvoir, na obra *O segundo sexo* conclui que a mulher, por viver à margem do mundo masculino, não o apreende em sua figura universal e sim através de uma visão singular.

O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos “os homens” para designarmos os seres humanos. [...] A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade. [...] está subentendido que o fato de ser um homem não é uma singularidade; um homem está em seu direito sendo homem, é a mulher que está errada. (Beauvoir, 2016, p.12)

Incluída no denominado “feminismo igualitário”, para a autora, o corpo das mulheres é importante, mas não é fundamental. Considerando-se o contexto vivido por Beauvoir, o conceito do corpo feminino como obstáculo a ser transcendido para se conquistar a igualdade, faz todo o sentido, pois em meados do século XX, era ainda mais difícil que as mulheres conseguissem conciliar múltiplos papéis sociais, pois



A sujeição da mulher à espécie, os limites de suas capacidades individuais são fatos de extrema importância; o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa neste mundo. Mas não é ele tampouco que basta para a definir. Ele só tem realidade vivida enquanto assumido pela consciência através das ações e no seio de uma sociedade; a biologia não basta para fornecer uma resposta à pergunta que nos preocupa: por que a mulher é o *Outro*? Trata-se de saber como a natureza foi nela revista através da história; trata-se de saber o que a humanidade fez da fêmea humana. (Beauvoir, 2016, p.57)

O estudo do corpo, portanto, é de grande interesse da teoria feminista que, em determinados contextos, o coloca no centro de ação política. Entretanto, são várias as posições feministas, que podem mesmo ser opostas.

Contata-se que o discurso feminino é, ainda hoje, alvo de polêmicas e muitos homens se recusam a aceitar sua existência. Como é fruto de discriminação social, aceitá-lo implica em corroborar esta discriminação. No entanto, é um fato consumado, como constata Helena Parente Cunha:

Os atuais estudos de gênero rechaçam todo e qualquer tipo de essencialismo, atribuindo ao ser homem e ser mulher uma construção discursiva, resultante de uma aquisição cultural. Uma das tendências do pós-modernismo consiste em historicizar esses valores e focalizar os vários segmentos alteritários a partir de um ângulo contextualizado.

A fala da mulher, uma vez introduzida no discurso hegemônico, carrega a desorganização na ordem simbólica. Ao se tornar sujeito do discurso, a mulher entra em conflito com as cláusulas da passividade e obediência. (Cunha, 2001, p.24)

Deste modo, a relação mulher/sociedade não reverencia o binômio original eu/outro, pois colocando em jogo a questão do feminino, a mulher se inscreve e se vê inscrita no discurso com traços enaltecidos no lugar dos depreciativos que geralmente lhe atribuem o discurso masculino por quem é falada.

A visão binária a que o feminino é submetido encontra, portanto, seu contraponto suplementar, surpreendente e inquietante, na fala da mulher que consegue irromper o



discurso, representa sua tortuosa história, no seu caminho de silêncio e de solidão, por onde traça a busca de identificar-se si mesma perante o outro.

Para Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade* (1992, p.4), gênero institui a realidade do sujeito, assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo. Gênero transcende o mero desempenho de papéis, faz parte do sujeito, constituindo-o.

Foucault, em *História da sexualidade* (1988), analisa a sexualidade como invenção social por meio de múltiplos discursos que regulam, que normalizam e que instauram saberes, produzindo “verdades”.

Porém, evidencia que as identidades de gênero e de sexualidade são sempre construídas e, portanto, instáveis e passíveis de transformações em seus espaços sociais.

Joan Scott (1986), por sua vez, chama a atenção para o caráter binário e polarizado a respeito dos gêneros. Sendo assim, homens e mulheres estão em polos opostos que se relacionam em dominação-submissão, sendo necessário repensar essa lógica.

Teresa de Lauretis também chama a atenção para a problemática versão simplista em se tomar a anatomia feminina como condição de subjugação em relação ao homem, sendo ele a medida, o padrão e a referência de todo discurso legitimado.

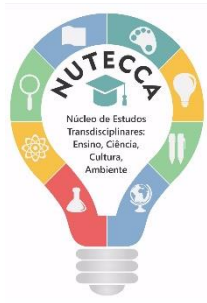
Porém, mesmo com toda opressão, os grupos dominados são capazes de fazer dos espaços lugares de resistência e de exercício de poder, além de que, ao se pensar que a construção de gênero é histórica, e a história está em perene mudança, o gênero também pode ser desconstruído e transformado.

A construção do sujeito solitário em virtude da fragilidade dos vínculos humanos

Walter Benjamin concebe a modernidade de uma forma negativa, como uma catastrófica e infernal danação, uma faceta desestruturadora sobre tudo e sobre todos.

Berman, por sua vez, considera a modernidade como a experiência vital de tempo e de espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e dos perigos da vida, que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo.

De acordo com o autor, “Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, alegria, poder, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor,



mas, ao mesmo tempo, que ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que somos”. (Berman, 1996, p.105)

Dessa forma, pode-se inferir que a modernidade apresenta dois pólos ambivalentes e opostos: um de construção e outro de destruição. Criar e destruir são, portanto, partes inerentes e intrínsecas a este processo.

A abordagem que optamos neste trabalho tenta incorporar as duas vertentes, visto que cada uma aponta elementos bastante ricos para reflexão. Segundo Botelho:

[...] acredita-se que, em processo crescente de desestruturação fomentado pela modernidade, as pessoas procurem formas e vias de assegurar valores, crenças e práticas que são sedimentadoras de sua identidade. Sem elas, sim, poder-se-ia pensar num caos absoluto. A desestruturação abarcaria todos e tudo, sem a menor chance de reação por parte daqueles que sofrem a ação da onda modernizante. (Botelho, 1999, p.5)

Nessa capacidade de reação à pós-modernidade, existem duas dimensões: uma que ressalta o lado perverso do processo, e investe no valor histórico e cultural da tradição, e outra que releva as artimanhas humanas, reais e simbólicas, construídas dentro do contexto de modernidade existente nas mais diversas sociedades.

Um dos aspectos mais relevantes sobre o qual a sociedade atual encontra-se estruturada é o poder que o masculino exerce sobre a mulher. Segundo Humberto Maturana, a diminuição da diferença entre homens e mulheres deve partir de uma convivência mutuamente acolhedora e libertadora.

Considerando que o linguajar tenha surgido no entrelaçamento com o emocional, para o autor, o humano surge quando nossos ancestrais começaram a viver no conversar como uma maneira cotidiana de vida que se conservou, geração após geração, pela aprendizagem dos filhos. Assim, todo o viver humano consiste na convivência em conversações e redes, pois o que nos constitui como seres humanos é nossa experiência no conversar. “Aquilo que um observador diz que um *Homo sapiens* faz fora do conversar não é uma atividade ou afazer tipicamente humano.” (Maturana, 2004, p.31)

Assim, se o indivíduo não puder compreender que suas emoções constituem e guiam suas ações na vida, conseqüentemente não deterá elementos conceituais que lhe permitam



entender a participação de suas emoções vivenciadas como membro de uma cultura, bem como o curso de suas ações nela. E, finalmente, se não entender que o curso das ações humanas segue o das emoções, não poderá compreender a trajetória da história da humanidade.

O sujeito solitário em virtude da fragilidade dos vínculos humanos é a marca do nosso tempo em que vigoram as relações binárias e contraditórias de apropriação e de exclusão, de inimizade e de guerra, de hierarquia e de subordinação, de poder e de obediência.

As relações que esse sujeito constrói com o mundo natural também foram modificadas. A confiança ativa na harmonia espontânea de toda a existência se transformou na desconfiança ativa nessa harmonia, resultando em um desejo de dominação e de controle.

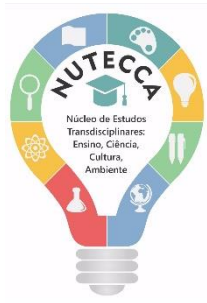
Desta forma, a perda da aura se manifesta nesse sujeito devido às relações com a vida que se deslocaram da desconfiança na fertilidade espontânea de um mundo sagrado, que existe na legitimidade da abundância harmônica e do equilíbrio natural de todos os modos de vida, para a busca ansiosa da segurança. Esta traz consigo a unilateralidade, obtida pela valorização da procriação, da apropriação e da explosão demográfica.

A solidão do homem e a fragilidade que permeiam os laços humanos é intensificada pelo desejo constante de sempre se ter mais, desencadeando um compromisso egoísta irresponsável, bem como o desejo de posse masculino no que tange à propriedade, que abarca a mulher e os filhos e, finalmente, o temor da morte como fonte de dor e perda total.

O indivíduo é o espelho de sua cultura. Ele é o somatório dos valores de sua cultura e da sua vida pessoal, individual. Logo, as ideias e as crenças desses indivíduos, centradas na apropriação, são consideradas como se formassem sua própria identidade. Dessa forma, tomando e defendendo o seu próprio modo de viver como o único verdadeiro, ocorre a negação do outro, a negação da alteridade, tornando-se ainda mais frágeis os vínculos humanos.

Gênero, sexualidade e poder

Considerando nossos primeiros registros, pode-se dizer que a constituição de um discurso de autoria feminina no Brasil, sobre o papel da mulher na sociedade, teve início há quase dois séculos. Mais precisamente em 1832, quando Nísia Floresta, enfrentando o



preconceito, questionou a reclusão e militou na reivindicação pelo acesso à leitura e à escrita realizadas pelo gênero feminino.

Quando o século XX se iniciou, uma movimentação inédita passou a clamar pelo direito ao voto, à universidade e à ampliação do mercado de trabalho.

Porém, na trajetória do discurso feminino ao encontro de suas identidades, as mulheres por muito tempo foram enquadradas como o “outro” da sociedade branca e patriarcal.

Foucault, em *Vigiar e punir* (2014), argumenta que o exercício do poder sempre ocorre entre sujeitos que são capazes de resistir pois, caso contrário, não seria poder, seria violência. Portanto, não há poder sem liberdade e sem potencial de revolta.

Considerando que o poder não é apenas coercitivo e negativo, mas também é positivo, uma vez que também produz, temos, por meio de sua ação, a fabricação de corpos dóceis, de comportamentos induzidos e de posturas apropriadas.

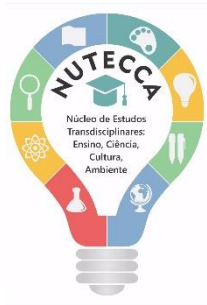
O poder disciplinar seria responsável pela repressão e pela censura, pelas formas de controlar as populações e os corpos, definindo os gêneros pela relação de poder, o que justificaria a normalização de condutas distintas para meninos e meninas.

Neste momento, seria oportuno explicar, ainda que brevemente, o que significa essa diferença. Quanto ao domínio biológico e sexual, conforme já elucidado neste estudo, é irrefutável que se afirme que as mulheres são diferentes dos homens. Mas, um outro questionamento surge ao se propor o questionamento de se cultura e biologia são indissociáveis ou não.

Para Joan Scott (1990), não haveria sentido em se reivindicar a igualdade para sujeitos que são idênticos. Sendo assim, o léxico igualdade seria um conceito político, e ideológico, que supõe a diferença, ressaltando a relação de poder, uma vez que se estabelece uma referência. Reivindica-se, portanto, que sujeitos diferentes sejam considerados não como seres idênticos, mas como sujeitos equivalentes.

Porém, Teresa de Lauretis (1996, p.14) adianta que:

[...] um quadro de referência feminista que sirva para tudo não existe. Ele tampouco deveria, jamais, ser um pacote pronto para usar. Nós precisamos continuar construindo esse quadro, um quadro absolutamente flexível e reajustável a partir da própria experiência das mulheres com relação à



Revista Hipótese

ISSN: 2446-7154

diferença, a partir de nossa diferença em relação à Mulher e das diferenças entre as mulheres; diferenças que [...] são percebidas como tendo a ver tanto (ou mais) com a raça, a classe ou a etnia quanto com o gênero ou a sexualidade per se. (Lauretis, 1996, p.47-48)

727

Estendendo esse caráter distintivo, chegamos à escola, considerada um microcosmos da sociedade. Sabe-se que, desde o início, em seu caráter dualista, a escola separou os sujeitos “merecedores” da educação dos que não tinham acesso a ela.

E nesse processo de classificação, de ordem e de hierarquia, adultos são separados de crianças, ricos de pobres, meninos de meninas. Entretanto, o acesso à instituição escolar foi reivindicado pelos que não tinham acesso a ela.

Sendo, então, organizada para produzir as diferenças entre os sujeitos, a escola passa a se organizar em currículos e a fazer parte de sua estrutura: prédios, docentes, regulamentos, avaliações, ou seja, naquilo que garantiria e produziria a diferença entre os sujeitos, conforme atesta Louro:

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. [...] O prédio escolar informa a todos a sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos “fazem sentido”, instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos. (Louro, 2001, p.58)

A escola, segundo Foucault é também um espaço coercitivo, de vigilância e de adestramento da mente e do corpo, reproduzindo um tipo de sociedade em que, conforme a anuência de Louro:

Gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninos e meninas, tornam-se parte de seus corpos. Ali se aprende a preferir. Todos os sentidos são treinados, fazendo com que cada um e cada uma conheça os sons, os cheiros e os sabores “bons” e decentes e rejeite os indecentes; aprenda o que, a quem e como tocar (ou, na maior parte das vezes, não tocar); fazendo com que tenha algumas habilidades e não outras... E todas essas lições são atravessadas pelas diferenças, elas confirmam e também produzem diferença. Evidentemente, os sujeitos não são passivos receptores de imposições externas. Ativamente eles se envolvem e são envolvidos nessas aprendizagens – reagem, respondem, recusam ou as assumem inteiramente. (Louro, 2001, p.61)



Não é difícil perceber, portanto, que mesmo na contemporaneidade, considerando múltiplos debates e iniciativas sobre o convívio com a diversidade, cujo movimento feminista, neofeminista em seus inúmeros desdobramentos, nunca esteve tão forte, que a escola permanece fazendo distinções entre sujeitos na forma de mecanismos que formatam corpos e mentes.

O combate à fabricação das diferenças quanto ao sexismo na prática educativa

Na obra *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista* (2001), Guacira Lopes Louro, destaca algumas práticas cotidianas adotadas pela escola que se tornam “naturais”.

De acordo com a autora, são atitudes discriminatórias, e sexistas, separar meninos de meninas em trabalhos em grupo ou em filas, escolher e/ou limitar brinquedos de acordo com o sexo ou, ainda, atribuir facilidades ou dificuldades em desempenhos nas diferentes disciplinas como diferenças de interesse e aptidão características de cada gênero.

Porém, mais importante do que escutar o que é dito sobre os sujeitos, é, conforme ressalta, perceber o não-dito, o que é silenciado.

Desde a mais tenra idade, as meninas aprendem a se sentar com as pernas fechadas, a proteger seus corpos e a ocupar um espaço corporal limitado, desenvolvendo o que se pode caracterizar como uma espécie de timidez corporal.

Segundo Bourdieu em *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica*:

A cintura é um dos signos de fechamento do corpo feminino, braços cruzados sobre o peito, pernas fechadas, vestes amarradas, que, como inúmeros analistas apontaram, ainda hoje se impõe às mulheres nas sociedades euro-americanas atuais. (Bourdieu, 2014, p.30-31)

Porém, a vigilância dos corpos não era circunscrita aos discentes. O mestre, formador de mentes e conhecedor dos saberes, deveria ser o modelo a ser seguido. Portanto, seu corpo, sua alma, seu comportamento e até seu pensamento precisam ser disciplinados.



Revista Hipótese

ISSN: 2446-7154

À educação, considerada como um sacerdócio, uma vez que cabia ao mestre a missão de doação, porém com afeto e autoridade, bem como firmeza, bondade e, dentre outros atributos, saber profissional, caberiam regras e

729

[...] condutas que regulavam seus gestos, os modos adequados de colocar suas mãos e seu corpo, de caminhar e de falar; estimularam o silêncio e ensinaram a comunicação por sinais; disseram quando, onde e como corrigir os estudantes; indicaram o que observar e por que observar. Um detalhado e minucioso conjunto de dispositivos de poder institui, simultaneamente, um conjunto de saberes sobre esses meninos e jovens, sobre seu corpo, sua sexualidade, sobre seus interesses e vontades, seus modos de compreensão, etc. (Louro, 2001, p.93)

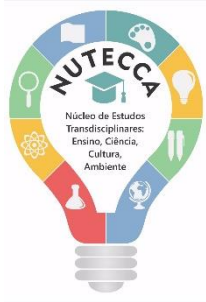
O magistério no Brasil, a partir da segunda metade do século XIX, passa por transformações. Com a entrada das mulheres na sala de aula e seu predomínio como docentes, juntamente ao processo de urbanização, bem como a presença de novos grupos sociais – os imigrantes -, o magistério se feminiza e passa um processo de ressignificação. Primeiramente torna-se atividade permitida às mulheres e, posteriormente, indicada a elas.

Neste local em que imperam atividades consideradas “femininas”, como a vigilância, a educação e o cuidado, as relações e as práticas escolares devem se aproximar das relações familiares e higienistas, como o afeto e a confiança materna, indispensáveis ao desenvolvimento físico e emocional das crianças.

Nesse sentido, em novas teorias psicológicas e pedagógicas, foram inseridas na formação de professoras, as disciplinas de Psicologia, Puericultura e Higiene, mais uma estratégia, segundo Foucault, para a ordenação e a regulação dos sujeitos que, sob o argumento do amor como parte do ambiente facilitador da aprendizagem:

[...] espera-se que os próprios indivíduos aprendam a se autogovernar, e, para que tal aconteça, é preciso todo um investimento nas crianças e em seus processos de formação. A infância é, assim, o alvo preferencial dos novos discursos científicos. (Foucault, 2014, p.98)

Sendo, portanto, o magistério a extensão da maternidade, esperava-se, “contraditoriamente”, que a professora, na vigilância de seu corpo e da sua sexualidade, fosse



aquela vista como solteirona, hábil alfabetizadora, um modelo de virtude, porém com maior circulação pelo espaço público, portanto usufruindo de certos benefícios masculinos, diferente daquelas casadas e com filhos.

Idolatradas em letras de música, em versos de poemas e, até mesmo, em personagens da ficção literária, contudo, essas “dóceis” e “abnegadas” professoras se tornaram conscientes de seu papel na sociedade, tornaram-se sindicalizadas e, reivindicando por melhores salários e condições de emprego, fazem greves, gritam palavras de ordem, levantam diversas bandeiras.

Para que atitudes patriarcais e sexistas deixem de ser um problema ora atribuído como culpa das mulheres, ora como culpa dos homens, faz-se necessário que se eduquem meninos e meninas de forma que as atuais relações de gênero sejam transformadas e para que, sobretudo, as atitudes masculinas e preconceituosas em relação às mulheres sejam banidas.

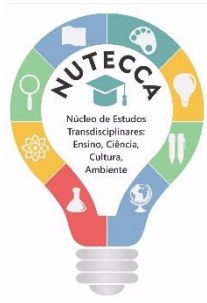
Assim, é necessário que se combata os paradigmas vigentes na escola, que ainda se apoiam nos dualismos clássicos, entre o modelo androcêntrico e a concepção feminista como a competição no lugar da cooperação e da hierarquia no lugar da igualdade.

Hierarquia esta que é relativizada quando, por exemplo, a voz do professor e da professora é substituída por múltiplas vozes, pelo diálogo e colaboração, pela construção de um discurso em que os interlocutores se tornam falantes e ouvintes e todos podem e se sentem empoderados para expressar seus múltiplos saberes.

Nesta denominada “pedagogia emancipatória”, estimula-se e encoraja-se a fala de quem geralmente se restringe ao silêncio, ou por “hábito” na docilidade aprendida, ou por medo de emascular o gênero masculino ou, ainda, por não acreditar que sua contribuição de saber possa ter relevância ou propriedade.

Sabe-se que, hodiernamente, muitas instituições de ensino possuem em seus quadros, tanto discentes quanto docentes, em sua maioria, mulheres. É salutar, portanto, que pesquisas sérias que perscrutem o motivo de as mulheres estarem na ocupação deste espaço social sejam realizadas, bem como uma ampla investigação de como meninas e mulheres se encontram interconectadas com outros campos de poder.

O mundo está mudando e os direitos da mulher se tornaram aceitos. É verdade? Podemos dizer que as mulheres estão recuperando seus direitos como cidadãs totalmente democráticas por meio dos movimentos feministas. Contudo, o fato de que a mulher afirme –



e de que os homens concordem com ela – que tem de lutar ou pelear pelo que ela sustenta serem seus legítimos direitos de cidadã democrática, reafirma, em contrapartida a patriarcalidade.

Este é, precisamente, o domínio cultural em que a questão da dignidade e do respeito recíproco nas relações humanas são vividos na forma de direitos e deveres, que têm de ser assegurados por alguma forma de luta social, e não como algo natural e próprio da convivência social humana. É a dissolução da luta que deve acontecer como seu verdadeiro propósito, e tal dissolução só é possível na transformação da cultura patriarcal para uma nova cultura mais igualitária e democrática.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Trad. Cristina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Vol. 1. Trad. Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BOTELHO, Maria Izabel Vieira. **O eterno reencontro entre o passado e o presente: um estudo sobre as práticas culturais no Vale do Jequitinhonha**. Araraquara: UNESP, 1999. (Tese de Doutorado)
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Best bolso, 2014.
- CUNHA, Helena et al. **Desafiando o cânone (2) – Ecos de vozes femininas na literatura brasileira no século XIX/ Coletânea de Trabalhos de Alunos de Pós-Graduação em Teoria Literária**. Organização: Helena Parente Cunha. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2001.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- _____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramalheite. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.



Revista Hipótese



ISSN: 2446-7154

LAURETIS, Teresa de. **A tecnologia do gênero: tendências e impasses.** Indiana University Press, 1987.

Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/81873993/A-Tecnologia-do-Genero-Teresa-de-Lauretis>

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MATURANA, Humberto R. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia.** Tradução: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** *Educação e Realidade*. Porto Alegre: v.16, n.2, jul./dez., 1990, p.5-22.

XAVIER, Elódia. **Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino.** Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1998.